10 anos

Café com
Sustentabilidade

Março 2017 | Ano 10 | Edição 50

FEBRABAN 50

STRESS TESTE HÍDRICO:

Tornando as Instituições Financeiras Mais Resilientes aos Riscos Ambientais.

Índice

03 Apresentação

04 A Questão Ambiental e o Disclosure

08 Stress Test Hídrico: A Metodologia

12 Os Resultados

14 A Experiência Brasileira: Os Bancos Falam

18 Conclusões

CRÉDITOS

Redação
Andrea Vialli
Jornalista | MTB 29.798

Coodenação
Mário Sérgio Vasconcelos
Diretor de Relações Institucionais

Projeto Gráfico
Agência Mantra

Fotos
Cibele Barreto

Informações
sustentabilidade@febraban.org.br

Apresentação

Mário Sérgio Vasconcelos

Um ano de celebração e potencialidades

O ano de 2017 é simbólico para a FEBRABAN. Além de ser o ano em que nossa federação completa 50 anos, celebramos ainda o aniversário do Café com Sustentabilidade, que completa sua primeira década. Nesse período, tivemos mais de 140 palestrantes e 2500 pessoas participando de discussões profundas– representantes do sistema financeiro nacional, da academia, de associações, ONGs, profissionais da área jurídica e de gestão de risco de crédito, entre outros. É um universo de contribuições que faz do Café com Sustentabilidade um dos ambientes mais qualificados para discutir e aprimorar nosso entendimento, compreensão e ação sobre o desenvolvimento sustentável e temas complexos como as mudanças climáticas.

Ao longo deste ano, teremos uma série de eventos para comemorar os 10 anos do Café com Sustentabilidade. Nesta primeira edição de 2017, tratamos de um tema de suma relevância para as instituições financeiras e empresas: como se tornar resiliente frente à ameaça constante da escassez de água, que foi apontada pelo Fórum Econômico Mundial como um dos três riscos globais de maior impacto aos negócios, com consequências econômicas como a perda de produtividade e de competividade em diversos setores.

Assim, apresenta os durante o 50° Café com Sustentabilidade a ferramenta Stress Test Hídrico, desenvolvida conjuntamente pela Agência de Cooperação Internacional da Alemanha (GIZ) e a Aliança Financeira para o Capital Natural (NCFA), com o objetivo de atender a demanda dos bancos por modelos que quantifiquem e avaliem os potenciais impactos da escassez hídrica em suas carteiras de crédito. A ferramenta, financiada pelo Ministério Alemão para Cooperação e o Desenvolvimento Econômico, baseou-se em uma estrutura já utilizada pela indústria de seguros há 25 anos, e avalia os riscos de crédito a partir de cinco cenários de escassez hídrica para quatro países (Brasil, China, México e Estados Unidos). Às vésperas do Dia Mundial da Água, 22 de Março, esperamos que essa seja uma contribuição efetiva para que o tema ganhe cada vez mais dimensão estratégica dentro das instituições financeiras.

Boa leitura!

Denise Pavarina - Diretora Executiva do Bradesco e membro da Força Tarefa do FSB sobre Divulgações Financeiras Relacionadas com o Clima

A QUESTÃO AMBIENTAL E O DISCLOSURE

Agravamento das questões climáticas traz a necessidade de informações precisas para avaliar os riscos ligados às mudanças ambientais

O aumento dos eventos climáticos extremos tem forçado os formuladores de políticas públicas a intensificar seu olhar para as questões ambientais e a estimular o disclosure de empresas e instituições financeiras em relação a essas informações. A escassez hídrica faz parte dessa tendência que já está impactando as economias: por isso cada vez mais são necessários mecanismos e ferramentas para avaliar os riscos ligados aos fatores ambientais.

O lançamento do modelo Stress Test Hídrico vem atender a essa crescente necessidade. O projeto nasceu no âmbito de uma cooperação entre a Agência de Cooperação Internacional da Alemanha (GIZ) e a Aliança Financeira para o Capital Natural (NCFA), com recursos do Ministério Alemão para Cooperação e o Desenvolvimento Econômico. A ferramenta Stress Test Hídrico foi apresentada pela primeira vez no Brasil no 50° Café com Sustentabilidade da FEBRABAN, realizado no dia 10 de Março de 2017.

"Pela primeira vez, bancos se sentaram juntos com especialistas em meio ambiente para formular cenários econômicos de stress testing, com o objetivo de capacitar as instituições financeiras para testar diferentes cenários de risco ambiental, sendo a escassez hídrica o primeiro deles", afirmou Simone Dettling, coordenadora do Programa Bancos da UNEP FI, a iniciativa de finanças do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente. A UNEP FI nasceu em 1992, como parte dos compromissos da Conferência Rio 92, e hoje congrega mais de 200 bancos, investidores e seguradores em mais de 50 países, com vários membros no Brasil.

Como parte desse movimento, o Financial Stability Board (FSB), organismo internacional que monitora e faz recomendações ao sistema financeiro global, montou, em 2015, uma força-tarefa com o setor privado para criar um conjunto de sugestões para empresas e instituições com o objetivo de orientá-las sobre como dar disclosure às informações de caráter ambiental, especialmente em relação às mudanças climáticas. Esse grupo, multidisciplinar e multinacional, foi formado por 32 membros de todos os continentes, incluindo investidores, bancos, agências de classificação de risco, empresas contábeis e de auditoria (as chamadas "big 4" – KPMG, Deloitte, PWC e Ernst &Young) e empresas do setor não financeiro. Denise Pavarina, diretora executiva do Bradesco, é vicechair da força-tarefa do FSB sobre Divulgações Financeiras Relacionadas com o clima, e abordou a iniciativa durante o 50º Café com Sustentabilidade.

"Os objetivos são muito simples: promover um melhor entendimento dos riscos climáticos e melhorar a qualidade de decisão, seja de financiamento, investimento ou seguro de ativos", diz Pavarina.

Financial Stability Board montou uma força-tarefa em 2015 com 32 membros para elaborar sugestões para empresas sobre como serem transparentes em relação às informações de caráter ambiental

Segundo ela, as informações de caráter climático e ambiental das empresas hoje são extremamente estratégicas e deveriam estar contidas nos demonstrativos financeiros – por ser matriz de risco, não deveriam estar presentes só nos relatórios de sustentabilidade das companhias. "Neste trabalho, o foco é risco. Trabalhamos com análise de cenários de mudanças climáticas e os riscos que temos de tratar são de diversas naturezas: físicos, agudos, crônicos e também de transição, envolvendo riscos políticos, legais, de tecnologia, reputacionais e de mercado, já que o comportamento dos consumidores está mudando e as empresas terão de abandonar certos modelos de negócios", diz.

A expectativa é de que o primeiro set de recomendações seja publicado até o mês de julho, para ser apresentado na conferência do G20. Em fevereiro deste ano, o grupo de trabalho realizou uma audiência pública para receber as contribuições de *stakeholders* para o documento final. "Para os bancos, é fundamental que as recomendações tragam essa discussão sobre estratégia, métricas e gestão de risco. Eles são indutores do processo de fazer as empresas prestarem essas informações de maneira clara, e um bom exemplo são os Princípios do Equador. As empresas já sabem que precisam fornecer informações sobre potenciais impactos socioambientais", concluiu Pavarina.

Mineira radicada em Londres há 20 anos, Danielle Carreira, gestora de projetos na Aliança Financeira para o Capital Natural (NCFA, na sigla em inglês), abordou as motivações que levaram a organização a abraçar o projeto de desenvolvimento da ferramenta Stress Test Hídrico, que envolveu um grande time: mais de 30 experts engajaram-se no processo, com a participação das equipes da NCFA e GIZ, da Risk Management Solutions, empresa californiana especializada em gestão de riscos naturais; profissionais dos bancos que participaram do piloto, além de um comitê formado por 22 especialistas do mundo todo nas áreas de macroeconomia, microeconomia e recursos hídricos, com apoio de universidades renomadas como Cambridge e Oxford.

A principal motivação, segundo ela, é o peso que questões como mudanças climáticas e degradação do meio ambiente estão ganhando nos últimos anos – sendo a questão hídrica diretamente relacionada a esses temas. O relatório de 2017 do World Economic Forum, por exemplo, novamente mostrou que eventos climáticos extremos e a escassez hídrica estão entre os três maiores riscos em termos de impacto aos negócios – somente perderam para armas de destruição em massa. Ao mesmo tempo, ainda faltam métricas confiáveis de análise de risco que possam amparar o setor financeiro em suas análises.

Daniele Carreira - Gestora de projetos da NCFA

"A questão hídrica não é um problema para o futuro, é um problema que já está ocorrendo" – Daniele Carreira, gestora de projetos da NCFA

"O foco desse projeto foi o risco da escassez hídrica porque estamos vendo que as mudanças climáticas realmente têm impactos aos negócios. E no Brasil principalmente: tivemos um problema recente seríssimo de seca na região Sudeste, incluindo São Paulo, e setores importantes para a economia brasileira, como agricultura, mineração e geração de energia elétrica são fortemente dependentes de água", afirmou Carreira. Ela abordou ainda o risco sistêmico para as economias que a falta de água representa: na Venezuela, por exemplo, o governo local precisou estabelecer a semana de trabalho com dois dias e colocou limitações no uso da água pela indústria, o que trouxe impactos como inflação e desabastecimento. "A questão hídrica não é um problema para o futuro, é um problema que já está ocorrendo", ressaltou.

O processo de elaboração do Stress Test Hídrico buscou desenvolver um modelo de análise consistente, que permitisse às instituições financeiras analisar o impacto potencial da escassez de água na performance dos portfólios de crédito. O segundo passo foi convidar bancos de quatro países (Brasil, Estados Unidos, China e México) para que aplicassem a metodologia em alguns de seus portfólios de crédito. No Brasil, os bancos Santander, Itaú e Caixa Econômica Federal aderiram à iniciativa.

Stephen Moss - Diretor da Risk Management Solutions, Inc (RMS)

STRESS TEST HÍDRICO: A METODOLOGIA

Ferramenta foi desenvolvida com base em cenários hipotéticos de seca, somado a um cálculo de vulnerabilidade de oito setores financiados pelos bancos

O modelo do Stress Test Hídrico foi baseado em uma estrutura já utilizada pela indústria de seguros há 25 anos, e avalia os riscos das carteiras de crédito a partir de cinco cenários de escassez hídrica para quatro países (Brasil, China, México e Estados Unidos). Esses cinco cenários partem do mais severo (secas extremamente fortes, que duram até cinco anos e se repetem a cada 200 anos) até secas mais brandas, com duração de dois anos e que se repetem a cada 100 anos. A esses cenários foi acoplado um cálculo de vulnerabilidade de oito setores financiados pelos bancos, escolhidos devido a sua dependência de água – agropecuária, produção de alimentos, bebidas e tabaco, geração de energia elétrica, óleo e gás, hotelaria e abastecimento de água e irrigação.

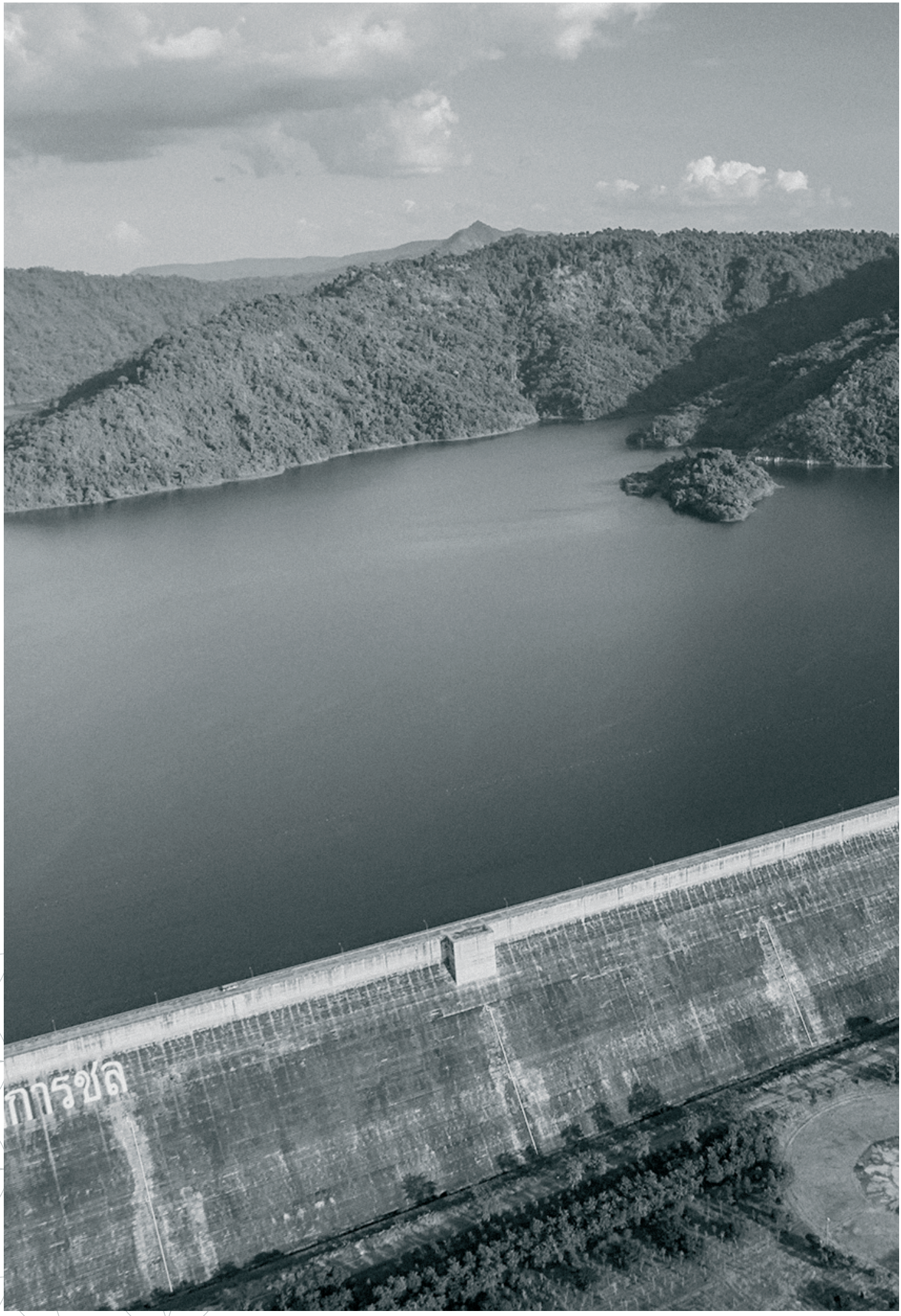
A empresa responsável por desenhar a metodologia foi a Risk Management Solutions (RMS), situada na Califórnia, que presta serviços para a indústria de seguros e resseguros, com modelos de mensuração de impacto ambiental. Segundo Stephen Moss, diretor da RMS, esse projeto teve a intenção de transferir para os bancos um pouco desse conhecimento, levando em consideração não a necessidade de ação frente a catástrofes como furacões ou enchentes, mas uma abordagem de risco sistêmico.

"Nosso papel nesse projeto era desenhar e implementar um modelo (*framework*) de ferramenta que permita às instituições financeiras calcular o risco a que estão expostas no caso de uma escassez hídrica", disse. "Todos sabem da importância da água para a agricultura e indústria de alimentos, mas poucos se lembram de que toda a indústria do mundo tem dependência de água em algum grau, desde a produção química até o desenvolvimento da indústria de alta tecnologia", afirmou Moss. Segundo ele, além das mudanças climáticas há ainda outros fatores de pressão, como o crescimento contínuo da população, a urbanização e o aumento do poder aquisitivo nos países emergentes. "À medida que as pessoas migram para as classes médias e as sociedades se urbanizam, o que podemos esperar é uma redução na disponibilidade de água, com grande impacto nas economias conforme adentramos esse século", contextualizou.

“No Brasil, onde 75% da eletricidade é gerada por usinas hidrelétricas, as empresas de energia estão expostas a um alto risco. – Stephen Moss, diretor da RMS

Na prática, ainda existem dificuldades para traduzir os impactos potenciais em números, já que os dados disponíveis nem sempre dão suporte a esse tipo de análise. Assim, explicou Moss, sua equipe começou a avaliar a interdependência e o impacto direto da disponibilidade de água em alguns setores. Para a geração de energia no Brasil, por exemplo, a ferramenta buscou avaliar as consequências que uma redução ou interrupção da disponibilidade de água traria para o setor. “No Brasil, onde 75% da eletricidade é gerada por usinas hidrelétricas, as empresas de energia estão expostas a um alto risco. Globalmente, essa dependência deve crescer, já que o uso de fontes mais renováveis é uma demanda”, disse.

Segundo Moss, também foi preciso avaliar o quanto a disponibilidade de água afeta cadeias de suprimentos globais, especialmente a produção de matérias-primas, e a força de trabalho. O risco de secas traz impactos significativos para a macroeconomia, ampliando os riscos de default de empresas nas economias mais dependentes de água. “Ao aplicar esse framework para o setor financeiro, olhamos para o impacto da falta de água para o fluxo de caixa da empresa, para as instalações fabris e olhamos também para as perdas indiretas e demais impactos macroeconômicos da questão”, explicou.


การชล

Yannick Motz - Gestor de projetos da GIZ

Os Resultados

No primeiro portfólio analisado, o estudo apontou para um risco de default entre 1,5 e 2 vezes maior nos cenários mais severos de escassez hídrica, e rebaixamento da nota de crédito entre 65% e 70% das companhias. No segundo portfólio, com mais empresas ligadas ao agronegócio e produção de energia, o rebaixamento afetou 90% das empresas. A concentração dos negócios em São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais e a alta dependência brasileira da geração hidrelétrica também são fatores que expõem o país a riscos de perdas econômicas nos cenários de seca.

"Em todos os cenários, foi verificada perda de receita e aumento dos custos operacionais das empresas brasileiras, pois a seca afeta diretamente as regiões brasileiras de maior concentração econômica, caso do Sudeste", afirmou Yannick Motz, gestor de Projetos da GIZ. Segundo Motz, o risco de escassez hídrica traz impactos para as empresas brasileiras independentemente do porte – pequenas, médias e grandes companhias são afetadas em proporções semelhantes, devido à concentração geográfica. Outra conclusão do estudo foi de que as perdas nos cenários de seca são entre quatro a nove vezes maiores em comparação às épocas de regime normal de chuvas, fato potencializado em razão dos portfólios abrangerem empresas do setor agrícola.

Entre os demais países analisados, os EUA se mostraram o país mais resiliente aos riscos de escassez hídrica. Os dois portfólios testados traziam empresas de três setores (geração de energia, indústria petroquímica e distribuição de água) e mostraram que, dependendo do cenário, havia um risco entre 60% e 100% de as empresas terem suas notas de crédito rebaixadas em razão dos cenários de escassez hídrica e das consequências macroeconômicas da seca. No entanto, o apoio governamental às empresas do setor de água/saneamento, somado à boa nota de crédito das companhias dos portfólios foram fatores relevantes para que o risco fosse menor.

“Em todos os cenários, foi verificada perda de receita e aumento dos custos operacionais das empresas brasileiras, pois a seca afeta diretamente as regiões de maior concentração econômica, caso do Sudeste” – Yannick Motz, gestor de projetos da GIZ

No México, foram testados dois portfólios. O primeiro envolveu setores de construção, agricultura, geração de energia e extração de petróleo, e entre 90% e 100% das companhias tiveram sua nota de crédito rebaixada nos cenários de seca, confirmando a vulnerabilidade desses setores. Isso ficou mais evidente para as empresas localizadas nas áreas industriais próximas à Cidade do México e na região agrícola de Jailisco, locais que seriam bastante afetados em um cenário de seca mais severa. O segundo portfólio avaliado, com predominância de empresas de energia, mostrou um risco de rebaixamento entre 65% e 90% das empresas, com perdas crescentes para companhias localizadas no Golfo do México.

Para a China, a análise levou em consideração cerca de 2.500 empresas de 11 setores (indústria, construção, geração de energia, varejo, transportes e distribuição de água) e trouxe como conclusão que a concentração industrial em regiões como Pequim, Shangai e Tianjin pode deixar o país mais vulnerável nos cenários de seca mais severa. Além disso, as pequenas e médias empresas chinesas foram mais afetadas do que as grandes empresas, pois possuem menos robustez financeira.

Objetivo é que o Stress Teste Hídrico seja um ponto de partida para ampliar as análises de risco socioambiental aos portfólios de crédito e contribua para a padronização da análise de risco no setor financeiro

“Entre as descobertas do projeto, ficou claro que para os bancos, em complemento à diversificação setorial, a diversificação geográfica também contribuirá para redução do risco em seus portfolios”, disse Motz. Segundo ele, a aplicação do Stress Test Hídrico é um ponto de partida para ampliar análises quantitativas de risco socioambiental aos portfólios de crédito e deve contribuir para a padronização da análise de risco no setor financeiro. A ideia é que a ferramenta tenha adaptabilidade para ser ajustada a outras ferramentas de risco ambiental que os bancos já venham utilizando. “Queremos construir essa ponte, e a disponibilidade de dados é uma condição necessária para esse tipo de análise e para a tomada de decisão. Bancos e seus clientes têm de ser cooperativos na disponibilização de dados de qualidade e em boa quantidade”, ressaltou. O Stress Test Hídrico está disponível para download em:

www.emergingmarketsdialogue.org

A EXPERIÊNCIA BRASILEIRA

OS BANCOS FALAM

Ferramenta foi testada por três instituições e deve somar elementos às análises de risco socioambiental que já são realizadas no Brasil

Gilberto Nascimento / Marina Grossi / Christopher Wells / Roberto Dumas

Após a apresentação da ferramenta Stress Test Hídrico, foi realizado um debate sobre a experiência com o modelo e seus impactos na gestão de riscos dos bancos brasileiros, com a participação de Roberto Dumas, líder de Risco Socioambiental do Itaú Unibanco; Christopher Wells, superintendente de Risco Socioambiental do Santander Brasil; Gilberto Nascimento, engenheiro civil e ambiental da Caixa Econômica Federal, e Marina Grossi, presidente do Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável (CEBDS).

Para os participantes do debate, a questão hídrica pode representar um risco sistêmico para o setor financeiro e a ferramenta é um bom ponto de partida para o aperfeiçoamento das análises de riscos ligados à água pelas instituições, mas é preciso que ela seja integrada aos modelos próprios que os bancos já utilizam. Dumas, do Itaú Unibanco, afirmou que o piloto foi um grande projeto, pois ajudou o banco a compreender como os diferentes cenários de escassez hídrica podem afetar o portfólio. No entanto, ele se mostrou surpreso com a possibilidade de rebaixamento de ratings de crédito de um número tão alto de companhias. "Definitivamente, foi um choque. Mesmo sabendo que os cenários de seca deveriam impactar nosso portfólio, jamais esperaríamos 90% de rebaixamento", afirmou. Ele ressaltou que o modelo precisa avançar na consideração de ações de adaptação ou mitigação que as empresas porventura tenham investido nos últimos anos, o que poderia diminuir o risco. "Recomendo que os bancos testem a ferramenta para saber em que pé seu portfólio está. Mesmo que pareça catastrófico ter 90% das empresas rebaixadas, é um sinal para olhar para a questão hídrica", afirmou.

"Mesmo sabendo que os cenários de seca deveriam impactar nosso portfólio, jamais esperaríamos 90% de rebaixamento" – Roberto Dumas, líder de Risco Socioambiental do Itaú Unibanco

No Santander Brasil, as empresas que solicitam crédito têm sido avaliadas sob o prisma socioambiental nos últimos doze anos, mas o tema da gestão dos recursos hídricos entrou de forma mais contundente na avaliação nos últimos dois anos, em razão da crise da água em São Paulo que se tornou mais aguda a partir de 2014. Segundo Christopher Wells, as empresas passaram a ter de responder duas questões específicas sobre água (de onde vêm suas fontes de suprimento de água; e quais passos tomam em relação à gestão dos recursos hídricos), e as respostas a esses questionamentos embasam as análises de risco, sendo que algumas empresas passam por checagem das informações in loco.

"Hoje, toda essa análise ambiental gera um rating de crédito para a empresa, e quanto mais essa empresa aprimorar sua gestão ambiental, maior será seu rating", explicou Wells. Segundo ele, a experiência com o Stress Test Hídrico indica que a ferramenta pode ser útil como complemento à análise que já é realizada hoje. "Um dos pontos que pode ser aperfeiçoado na ferramenta é avançar na funcionalidade, para que os bancos integrem à sua avaliação sobre como aquela empresa gerencia suas questões hídricas e possam incluir mais dados", disse. Outra sugestão do superintendente do Santander Brasil é de que a ferramenta incorpore dados estratégicos, como o mapa da Agência Nacional de Águas (ANA) que traz o risco hídrico por munícipio brasileiro.

Gilberto Nascimento, engenheiro civil e ambiental da Caixa Econômica Federal, trouxe ao debate suas percepções sobre o uso da ferramenta e contou como a Caixa está buscando incorporar os fatores relacionados ao déficit hídrico em suas análises de risco socioambiental, visto que o banco tem forte penetração nos setores de infraestrutura, saneamento, serviços públicos e agronegócio – todos dependentes de água, em maior ou menor grau.

Na Caixa, esse projeto está sendo acompanhado, inicialmente, pela Gerência Nacional de Sustentabilidade e Responsabilidade Socioambiental e em etapas subsequentes a ferramenta será apresentada a outros setores. "Nesse momento, estamos simulando situações com base em informações de nossos clientes, ora mudando a região geográfica, ora mudando o setor ou o porte do investimento para ver como a ferramenta se comporta. A partir dessas experiências, avançaremos no conhecimento e na utilização da ferramenta", afirmou.

Nascimento afirmou que atualmente a Caixa está se estruturando para incluir também os efeitos do déficit hídrico como uma das variáveis em seus processos de análise de risco socioambiental. Segundo Nascimento, o desafio hoje é trazer para dentro da equação de financiamento todas as variáveis socioambientais que são conhecidas, e o Teste de Estresse Hídrico será um bom ponto de partida para analisar os riscos no que tangeà disponibilidade de água.

Christopher Wells, do Santander Brasil, sugere que a ferramenta incorpore dados estratégicos, como o mapa da Agência Nacional de Águas (ANA) que traz o risco hídrico por munícipio brasileiro

À frente do Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável (CEBDS), Marina Grossi abordou os esforços e investimentos que as empresas brasileiras têm feito para incorporar novas tecnologias para gestão, tratamento e reuso de água, mas que esbarram na falta de políticas públicas voltadas para um uso mais racional dos recursos hídricos. "Grande parte das empresas que estão no CEBDS já fazem reuso de água, mas há um gap entre o que as empresas fazem e o que o Brasil faz. Boa parte da água que por lei é tratada pelas empresas acaba diluindo esgotos, sem ser utilizada de uma forma mais efetiva", disse. Por outro lado, essa nova realidade de escassez - no Sudeste em 2015 e este ano em Brasília - está ajudando a mudar a percepção errônea de que o Brasil é imune a crises hídricas. Em maio de 2018 a capital federal vai sediar o Fórum Mundial de Água, para o qual são esperadas mais de 40 mil pessoas, o que aumenta a preocupação dos organizadores, entre eles o CEBDS: vai faltar água justamente em um evento cujo tema central é a água? "O fato de Brasília estar em escassez só faz com que a discussão de soluções e a busca por melhorias na gestão dos recursos hídricos comecem a ganhar a devida atenção. O 8º Fórum Mundial da Água, dentro desse contexto, pode ser um canalizador desses debates e reforçar uma agenda que hoje não é tratada com a devida importância perante os impactos que causa tanto na sociedade quanto nas empresas", disse Grossi. "O Brasil vai receber esse evento pela primeira vez e Brasília hoje está em plena escassez." Na avaliação da presidente do CEBDS, governo, empresas privadas e bancos precisam trabalhar em conjunto para resolver o grande déficit de saneamento que assola o Brasil – os esgotos tratados poderiam ser uma fonte de água complementar, especialmente para o uso pela indústria ou agricultura. "As empresas têm dificuldade de entender que saneamento precisa entrar na agenda privada. Fizemos um estudo com o Instituto Trata Brasil mostrando que a produtividade de um funcionário que vive em uma área sem saneamento é menor, e na educação isso se reflete também. É preciso entender o risco sistêmico, mas agir localmente", concluiu.

"O Brasil vai receber pela primeira vez o Fórum Mundial da Água, em 2018, e Brasília hoje está em plena escassez" – Marina Grossi, presidente do CEBDS

Paulo Sérgio - Chefe do Departamento de Supervisão Bancária do **Banco Central Brasil**

Conclusões

Testes de estresse fazem parte da realidade brasileira, que tem passado por crises tanto econômicas quanto ambientais

Após o debate sobre a aplicabilidade da ferramenta Teste de Estresse Hídrico para a realidade brasileira, os participantes concluíram que o modelo será importante para que os bancos comecem a incorporar a escassez hídrica em suas análises de crédito. Muitos já o fazem com suas próprias ferramentas, e poderão usar os modelos em conjunto. "A ferramenta será pública e estará disponível para todos os bancos testarem", afirmou Simone Dettling, coordenadora do UNEP FI, ao concluir o debate.

O 50º Café com Sustentabilidade da FEBRABAN foi encerrado com uma palestra de Paulo Sérgio Neves, chefe do Departamento de Supervisão Bancária do Banco Central do Brasil, que abordou como os stress tests fazem parte da realidade brasileira e as sucessivas crises – sejam econômicas ou ambientais – ensinam lições valiosas ao país. Ele salientou que desde 2015 o Brasil vem passando pela maior crise econômica de sua história, e um dos grandes riscos socioambientais ficou materializado nessa crise: a corrupção. "Pela própria realidade da economia brasileira, volta e meia passamos por alguma situação de estresse. Ficou muito claro o tamanho do impacto que a corrupção pode causar em uma economia, em termos de queda do PIB, desemprego, inflação e o grave problema fiscalde Estados e municípios", afirmou.

Em 2014, o BC fez uma tentativa de precificar o tamanho da crise financeira que viria, caso a escassez hídrica em São Paulo se agravasse

Segundo ele, a crise hídrica em São Paulo também trouxe aprendizados. Em 2014, o Banco Central já havia realizado a vinculação do risco ambiental à estabilidade financeira. Com a área econômica do governo e com base em informações colhidas junto aos bancos, o BC fez uma tentativa de precificar o tamanho da crise econômica caso a crise hídrica em São Paulo se agravasse e chegasse à incapacidade produtiva de empresas e da agricultura. O exercício também procurou medir os impactos sistêmicos da escassez hídrica, como endividamento de pequenas empresas e desemprego. Mas com a volta das chuvas e o abrandamento da questão climática, maiores perdas decorrentes de fatores ambientais foram evitadas.

Neves salientou que a questão ambiental é sempre tangenciada pelo BC, uma vez que o tema atua diretamente sobre setores como o agronegócio, que tem um impacto muito forte na economia. "Antes que a questão internacionalmente viesse a se tornar discussão regulatória, o BC regulamentou no Brasil a política de responsabilidade socioambiental dos bancos", destacou Neves, em alusão à Resolução 4327. Em 2012, o BC já havia criado um Departamento de Supervisão de Conduta, que trata de questões como: lavagem de dinheiro a relacionamento com clientes; temas importantes nesse período de Operação Lava Jato. A partir desse ano, o departamento fará as primeiras inspeções de verificação especial, acompanhando junto aos bancos a implementação das políticas e o envolvimento das áreas de governança. "A preocupação com as questões socioambientais está presente na análise de projetos. Um crescimento sustentável passa pela gestão do risco socioambiental", concluiu.

FEBRABAN
Federação Brasileira de Bancos

Av. Brigadeiro Faria Lima, 1485, 15° andar
CEP 01452-921 | São Paulo| SP

www.febraban.org.br